



1085

VISÃO DO CARANGUEJO

Conto: Ieda de Paula

Adaptação: Antonio Roberto da Silva

PERSONAGENS :

MENDIGO (Maltrapilho, cabelos emaranhados, chinelos apoiando os pés descuidados)

POETA (Figurino atual)

Plano da máquina de escrever

Foco 1: Poeta na máquina escreve movida por uma compulsão forte e incontrolável.
(Escurece)

Foco 1: Poeta em pé: olhar letárgico, olhar emudecido. Muitos papéis amassados pelo chão.
(Escurece/ Som de máquina de escrever.)

Plano da praça

(Ouve-se o som da água do chafariz)

Poeta na praça, olhar turvo, angustiada fita o banco e no outro banco sentado um mendigo, coluna ereta e um olhar sereno.

POETA -- Lá esta ele no mesmo banco da praça. Centenas de pombos quietos à sua volta. Maltrapilho, cabelos emaranhados, chinelos apoiando os pés descuidados, e ao lado um copo plástico, para tomar água contaminada, no chafariz da praça.

– Eu pesquiso por detrás daquela vestimenta surrada : Tiques nervosos, letargia no olhar, ar psicopata, mas...(Som de água)um olhar sereno examinando o cair das águas. (os gestos do mendigo são calmos, braços apoiados sobre os joelhos, coluna ereta)

(para o público) – Há naquele ardrajo ar de ternura ou desamparo ? Cansaço ou relaxamento? Alienação ou sabedoria ?
(Escurece)

Plano da máquina de escrever

Foco 1: Escreve voltada para o seu interior. Uma ansiedade, algo que a incomoda em seu íntimo. Escreve como que desabafando um sentimento.

POETA – Eu caminhava pelo parque quando a existência perdia o seu encanto e um grande desassossego, um aperto insistente no coração me asfixiava. Nesses momentos, a mente rodopia, o olhar emudece, o sonho evapora por entre os poros dilatados da consciência. (para de escrever)

(para si, mesma) – Meu peito parece :uma caixa de papelão vazia e a leveza da morte me acena com o limiar do “basta”. Só o nada me completa.

(escreve) - Um exaurir de forças, sem a saga que impõe ao destemido o desbravar da mata densa, onde impera o risco de perder-se no silêncio mórbido da caverna úmida que é a alma em desalinho.

(Escurece)

Plano da praça

Foco 2: Sentada no banco mais próximo, espreita-o com dissimulação, correndo os olhos de um lado ao outro, a fim de levantar mais dados daquela anamíese intrigante.

Foco 3: Mendigo sentado no banco.....

POETA - Em revoada, os pombos seguem para junto do funcionário do parque que atira ao chão a refeição do dia. Depois de alimentados, num vôo rasante, retornam para junto da tal figura.

- Sem tralha alguma, parece desarmado por completo. Ausência de vincos dá-lhe ao semblante atmosfera serena, transparente, como o lago cristalino atraindo para sua profundidade o meu olhar turvo. (mais calma)

(Escurece)

Plano da máquina de escrever

Foco 1: Olhar turvo. Poeta escreve.

POETA - Aquele cenário me poupava do desespero latente. Perdia, por alguns momentos, o contato comigo mesma; podia apagar a memória residente, alimentada de dados, impressões e vestígios, me apartando da realidade caótica, me desgarrando lentamente da humanidade órfã. (Escurece)

Plano da praça

(Durante semanas inteiras fita-o, encabulada.)

POETA (Para o público) – Dei – lhe, mentalmente, um banho,

mudei suas roupas,

aparei sua barbas,

tendo ao final um rosto bem-feito,

sem marcas de grandes tragédias,

dessas que abatem a criatura,

dando-lhe aos olhos expressão de fera acuada.

(para si, mesma) – Alguém com força suficiente, capaz de irrigar os canteiros da minha alma ressecada ?

(para si, mesma) - Quando eu vou perder a compulsão por retratar histórias, invadir intimidades, tatear a alma das pessoas, como quem tenta dar forma à matéria volátil, esculpida na solidão do pensamento?!

(para o público) – Se me faltou coragem para abordar o velho soluçando com o rosto colado ao volante do luxuoso carro, com que direito eu questionaria aquele ser, quieto no seu casulo?!

(Impulsiva)– Mas, e se ele me aponta um pardal fazendo festas com grãos de arroz na calçada, ou acaso puder me levar para a margem de um rio onde descansa uma canoa, e dentro dela a borboleta sobre o remo?! (Vira-se como quem vai escrever)

(Escurece)

Foco 1: Poeta escreve compulsivamente.

– Naquele dia eu buscava o sol e a sombra simultaneamente, temendo os efeitos colaterais da melancolia patológica. O quanto sofre o físico nas mãos de uma alma em desventura eu já sei, e tento poupá-lo emitindo mensagens contrárias aos órgãos vitais.

(Desabafo) – Pela saudade insuportável eu toco o fio translúcido da teia de aranha, divisa tênue que separa sanidade e loucura, barreira imperceptível dos sonhos e pesadelos que carrego.

(desespero) – Protótipo da humanidade, catalisador das dores que nem bem são minhas, misto da fragilidade da papoula e da solidez do granito, eu aspiro ao maior dos postos na hierarquia humana (Para de escrever) a condição de gente.

(Poeta desesperada corre em círculos gritando): Condição de gente, condição de gente,.....

(Escurece)

Plano da praça

Foco 1: Vítima do seu desespero, desnecessário face à imutabilidade dos fatos, deixa-se cair no banco gelado, longe do canteiro principal, distante do estranho mendigo.

(delirando) – O coelho branco encara-me, com seus olhos cor-de-rosa arregalados, fazendo-me fofquinhas com suas narinas molhadas.

(Irritada) – Que foi ? – nunca viu gente nesse estado, não ? Vá comer sua grama, rapaz!.

Luz Geral

(Mímica de quem vê um bicho correr. Ela como que movida por um guindaste, é transportada para perto do mendigo, num gesto abrupto, espécie de força propulsora, interna, desconhecida. Imóvel, o tal homem ignora a sua chegada. E ela fica sem coragem para arriscar uma só palavra. Ele tira do bolso o copo, dirige-se ao chafariz num caminhar lento, toma dois goles, e, retornando, fita-a como quem tenta reconhecer traços perdidos num canto qualquer da memória.)

POETA (Arrisca) – Essa água da fonte não faz mal ao senhor ?.

MENDIGO (Lacônico) - E eu tenho outra melhor ?

(Para a música. SILÊNCIO.)

Constrangida, abaixa a cabeça, enquanto um silêncio, lembrando toneladas de ferro-gusa, parece esmagá-la. (Música)

Finalmente, levanta o rosto, e depois o resto do corpo, e sai cambaleando em direção aos portões do parque.

POETA (para o público) – O timbre de sua voz, a agudeza de seu olhar, não me deixam dúvidas: ele é lúcido!

(Escurece)

Foco 1: Som da máquina de escrever.

- assustado com o que viu, o coelho saiu numa disparada só, e eu, como movida por um guindaste, transportada fui para perto dele, num gesto abrupto, espécie de força propulsora, interna, desconhecida.

(lembrando) - E eu tenho outra melhor?

(escreve) - Um silêncio lembrando toneladas de ferro-gusa, parecia esmagar-me.

(escreve) – Nos dias seguintes, evitei o trajeto nas imediações de seu banco cativo, observando ao longe aquela figura paradoxal. (Pensando) - Dois meses de observação, eu não saí desse estágio inócuo.

Escurece. Música. Luz.

A poeta tentando desviar os pensamentos caminha pelo parque por noventa minutos.

- Raios de sol atingem a praça na sua totalidade, nesse domingo, inverno tropical, onde as crianças parecem gralhas, e os pombos, em pequenos bandos, cedem território às pessoas e aos cães de raça.

(Senta no banco fatigada. Olha em torno como quem tenta desviar os pensamentos observando tudo a sua volta . Pega um bloco e escreve.)

(escreve) – Eu busco na face rosada dos bebês a energia suficiente para levantar o espírito, tombado pela força da saudade, temporal assustador.

(olhando para outro lado) – O garoto de rua, com uma só mão segurando a barra, faz malabarismos difíceis, tentando chamar atenção dos pais que ele não teve.

(olha para outro lado) - Três cachorrinhos poodles, cada qual cheirando o traseiro do outro, em fila indiana, provocam risos e olhares enviesados, face à simetria e força do instinto.

(calma) - Sem ter pago ingresso algum, o público assiste ao espetáculo, calado para não quebrar a magia desse teatro de arena.

Silêncio.

(olhar sereno) – E a tempestade do espírito cede espaço à paz das montanhas.

(calma) – Sempre fora assim.

(escreve) - O mesmo sino que canta a morte dança a vida: a vara com a qual me equilíbrio, toca de um lado a terra e do outro o céu; filhote esmagado agora, andorinha na chuva, depois.

(Não percebe a chegada do visitante. Na outra extremidade do banco, fita-a complacente. Só depois de alguns minutos, reconhece então o mesmo homem.)

(para o público) - Que indescritível sensação de vitória, não arrisquei uma só palavra para tê-lo aqui comigo.

(a parte) – Esse homem deixou o seu lugar, caminhou a metade do parque para sentar-se a o meu lado. Veio por vontade própria ou foi movido pelo mesmo guindaste ?

Música.

Luz

(Minutos depois, o mendigo retira do bolso o copo e dirige-se para o distante chafariz. Ela acompanha-o com o olhar, enquanto observa atentamente seus passos.)

(para o público) -Passos quase elegantes, não fossem as vestes e os chinelos rotos.

(compulsiva) – Há nesse ser qualquer coisa de majestade. Panos de chão sobre seus ombros, dar-lhe-iam, ainda assim, certa realeza, tamanha altivez no caminhar.

Silêncio.

(calada, pensando, compulsiva) – Que mistério é esse que faz a cigarra morrer, presa ao tronco do pinheiro, depois de seu canto ininterrupto. Que magia da metamorfose transforma a lagarta, inseto asqueroso, em borboleta azul, miragem exótica. (Ela o vê retornando.)

(a parte) - E num silêncio de museu fechado ao público eu o vejo retornar!

(delirando) – Por que esse homem não me assusta com a sua estampa de pária?

(angustiada) - Por que me atrai tanto espírito?

(O mendigo senta-se ao seu lado. Ela fita-o resoluta, e um sorriso dócil lhe abala por inteira. Tão humilde a sua expressão, que arrisca novamente.)

POETA - Essa água da fonte não faz mal ao senhor ?

MENDIGO (voz lídima, sonora, sedutora) – **Nada de mal acontece ao homem de bem...** (Ela levanta-se, abaixa a fronte sob reverência instintiva e vai embora).

(escurece)

Foco 1: Na máquina.

POETA – Seu olhar é infinitamente maior do que seus olhos estrábicos, e eu não posso encará-lo, como não se fita o céu em pleno Sol a pino.

– Que ser é esse que traz no olhar luz surpreendente, e nas palavras, insólita verdade?

(para o público) - Afinal, porque, há meses, na capital mais violenta do mundo, eu me vejo obcecada por um mendigo?

(Escurece)

Plano da casa

Música.

Luz geral: A madrugada chega ela ainda pensa na tal criatura

(desesperada)

– Somos assim tão diferentes?

- Não estamos sempre tão-sós, sem filhos, sem cães, sem revolta e sem futuro?

Ventos fortes chegam com a noite.

(condoe-se com o destino dele)

– Deve ter jornais para aquecer-se.

– Bom mesmo seria um corpo amado, agasalhando-o na solidão do leito frio, mas isso eu também não tenho...

Escurece. Música.

Plano do pesadelo

Dorme e pesadelos sacodem-lhe violentamente. O mendigo aparece, enérgico, levantando um punhado de folhas úmidas, e, sob elas, bichos horrorosos. No instante seguinte, aponta-lhe uma imensa drusa de ametista. Noite densa, ela grita por ele e ouve sua voz distante.

POETA (grita) – Me ajude. Por favor me ajude...

MENDIGO (voz distante) - “ Não posso te ajudar. Estou do lado de fora do parque, busque o portão principal ”.

(corre em desespero, e o faz em grandes círculos retornando sempre ao local onde os insetos, a cada volta, crescem sob folhagens.)

POETA (Grita) -os insetos, crescem sob as folhagens,...insetos....e Morcegos, morcegos, morcegos,..... (voam rente a sua cabeça, enquanto protege o rosto com as mãos assustadas. As pernas não mais suportam e cai nas águas geladas da fonte. Acorda de chofre como alguém que tenha levado uma ducha fria, grita e chora convulsivamente.)

Poeta grita e chora até chegar na máquina de escrever. Plano realidade .Luz.

POETA (escreve, tremula, olhar compulsivo) – Pesadelos sacudiram-me violentamente, tal qual como o vento do leste sacode o salgueiro solitário na margem do rio. Corria....em desespero....Minhas pernas não mais suportaram e finalmente cai nas águas geladas da fonte.

(Para o público) - Sob indizível pavor, suor banhando meu rosto lívido, pressão arterial em queda, acordei.

(Para o público) – Preparei um chá quente, enquanto busco afastar da lembrança as imagens desse pesadelo tétrico.

(Voz baixa) – É o fio tênue da loucura .

Não retornarei ao parque.....

...aquele mendigo me atrai porque estamos no mesmo abismo

...mudarei meu itinerário, me afastarei dessa obsessão.

(Escurece)

POETA (Escreve, olhar tênue) – A caminhada, nos dias seguintes, restringiu-se ao bairro onde eu morava, com suas curvas sinuosas casarios guardando memórias de um passado nobre, jardins floridos de azaleas.

- Meus olhos tocaram outras cenas. Meses passados, pela manhã, (pensei tê-lo visto) avistei-o.....(sem transição ela sai do plano da realidade para o plano da “ alucinação”. Mímica de seguir alguém).....descendo a ladeira, mãos nos bolsos, postura de quem nada carrega, senão a paz, fitando o mundo sem expectativas.

(Pensando) - Acaso moraria próximo dali ?

(segue alguém) - Alterando meu trajeto, movida por incontrolável curiosidade, atrás dele caminhei.

- Coincidência ou não mais uma vez ele cruza o meu caminho.

- Abre suavemente o portão de uma casa imensa, abandonada, tomada de gatos, com vegetação invadindo as janelas laterais. Adentrou-se para os fundos em passos largos vagarosos, quase etéreos.

- Eu jamais observei esse casarão, em estado tão precário, no coração desse bairro imponente.

- O mendigo, certamente, se apossara da residência.

- Parcialmente desvendado está o mistério. Aparenta acima de 50 anos, passa os dias no parque e dorme no imóvel abandonado, em companhia dos felinos. Nada de especial!. Apenas mais sorte que a maioria dos miseráveis, disputando entre si, pontes e viadutos públicos.

- A casa misto de nobreza de decadência, parece-me sinistra.

- Arrepios percorrem novamente o meu corpo, enquanto o pesadelo da noite volta à lembrança, desarticulando a razão. (Enquanto ressoa\gravação : **"Nada de mal acontece ao homem de bem"** ela se afasta até a máquina.Luz.)

(escrevendo) - Observei o morador do solar vizinho bater três vezes no portão enferrujado. Conversaram bons minutos, risos entre ambos, enquanto o pobre homem apanhava a vasilha com a comida dos gatos, tendo ao seu redor, dezenas de miados ansiosos.

- O morador despediu-se, afagando-o no ombro esquerdo, num gesto explícito de admiração, afeto, respeito. (Para o público) - Aquele cena, ao longe acabava de me reconciliar com a sanidade!

- "Nada de mal acontece ao homem de bem", ressoa em mim, abrindo meu peito, expondo à vida o que eu tenho de mais sagrado: um coração enfermo.

- Quero estar ao lado dele. Por detrás daquela imagem nada convencional, há um ser poderoso, olhar doce apontando a direção para onde todos convergem, independente do tempo perdido na vjela das existências conturbadas.

(Enquanto conta parece ver algo, alegria no rosto. Sai do plano da realidade para plano da alucinação)

- Dias depois, avistei-o. Sua figura já me é familiar. Depois do pesadelo tornou-se íntimo, menos assustador.

(O mendigo aparece no mesmo banco sentam-se, após o acenar silencioso de cabeças, mudez na voz, alegria estampada no rosto dela.)

POETA (justificando a ausência) - Vim caminhar novamente no parque.

MENDIGO - Um corpo em movimento é sempre belo. Todo homem deveria andar por seus próprios pés.

POETA (Tocando-o com um olhar submisso) – O senhor parece muito sereno.

MENDIGO - A paz não é a verdadeira serenidade espiritual ? O desejo não nos torna escravos ?

POETA (Para si, mesma) – Fala-me olhando os cães ao redor da fonte. (Rompendo definitivamente qualquer empecilho para um maior contato, para mendigo) Moramos no mesmo bairro. Sei onde o senhor dorme.

MENDIGO (Prosseguiu) - Eu sei, observei-a também.
(E com um sorriso docemente irônico continua)

MENDIGO – Os meus olhos são mais belos que os seus, e são mais úteis também. Você pode olhar só para frente, enquanto eu tenho a visão do caranguejo: envesgo-a em toda as direções (Arremata, correndo os dois olhos para o centro da testa, exibindo o seu estrabismo de maneira cômica).

POETA (Pensando) – Ah, porque me afastei dele ? Suas palavras valem mais que esmeraldas, e eu quero tragar a sua alma num só gole.

POETA – Não lhe pesa viver tão só naquele casarão abandonado ?

MENDIGO (Alegre) – Não vivo só, absolutamente. Alguns daqueles pombos ali, olhe, dormem junto à minha janela.

POETA (Fascinada) – O senhor é um sábio.

MENDIGO – A sabedoria mais elementar é a mais difícil: conhecer-se a si mesmo.

POETA – Sim, o senhor é um sábio. Eu sempre soube, por isso não o enfrentei antes; a sabedoria nos lança para um caminho sem volta.

MENDIGO (Olhando-a com alegria) - Três degraus nos levam à ventura: a percepção, a fé e a consciência.

POETA (Tentando conter uma lágrima) – Ah, tivesse eu um décimo de sua consciência, meu sofrer seria menos ruidoso.

MENDIGO (Amável) – Toda criatura deve mergulhar os olhos para dentro de si a fim de atingir toda a sua estatura.

POETA (tranqüila, fitando algo que dá-lhe paz) – Às vezes temo a loucura. Visões, sonhos e pressentimentos me acompanham desde a infância. (“Fitando a grama tenra e verde”)

MENDIGO – Não se assuste! É Deus quem nos envia a loucura. Muita aos profetas, menos ao poetas, um pouco aos apaixonados. Mas nessa insânia há uma benção um privilégio herdado pelas idas e vindas da alma.

POETA (crise) – Como e por quê duvidar dele?

POETA – Nascimentos e mortes eu não havia premonido desde a infância? A poesia não fora o meu pulmão artificial? E a paixão? Não levou-me para isônias e choros convulsivos, num pesar contraditório?

POETA (Tentando afastar os pensamentos desse ângulo denso pergunta) – Como esses seus olhos vêem os homens que governam o mundo?

MENDIGO – Enquanto não se reconstruir o homem, ele será incapaz de edificar um Estado, como você mesma sabe.

POETA – E o amor ?

MENDIGO – O amor é um desejo de prazer. Deve ser guiado pela experiência adquirida, que tem, de ordinário, tendências sensatas. É forçoso que quem ama siga o objeto do seu amor, para onde quer que este o conduza. Nas asas do amor, a alma eleva-se; sobe-se mais e mais no infinito do céu.

POETA – Como pode uma criatura como o senhor viver numa metrópole assim tão perigosa ?

MENDIGO – Os campos, as árvores não podem ensinar-me tudo. Só me satisfazem nisso os homens da cidade.

POETA (Para o público) – Eu quero passar o resto dos meus dias ouvindo-o, agradecendo esse encontro divinamente paradoxal.

POETA (Para o público) – Quero usufruir de sua presença, por isso fico elaborando questões para tê-lo junto de mim, sem querer importuná-lo com perguntas rasas.

POETA – Como o senhor vê o nosso planeta nesse final de milênio?

MENDIGO - A Terra continuará a girar, mesmo depois da grande tempestade. O mundo não se aniquila. Mudam-se as formas, mas o homem permanece inalterado, buscando a sua luz .
(Angaria coragem para descansar o olhar em seu rosto meigo, ouvindo-o).

MENDIGO – Só conta a vida. O que me preocupa acima de tudo é não fazer nada injusto ou ímpio. A morte não me incomoda em absolutamente nada. Muitas pessoas que temem as doenças, a pobreza e outros males, não têm respeito por aquilo que temem.

POETA (Impulsiva) - Amanhã terei ao senhor uma lembrança minha .

MENDIGO(Com desconcertante sorriso) – Não fica bem aceitar dádivas que não passamos retribuir.

POETA – Acredite foi uma benção conhecê-lo.

MENDIGO – O que acaba de acontecer não deve ser fruto do acaso. Não teria lógica alguma oferecer a alguém coisas de que ele não necessitasse. Certamente era preciso que as coisas se passassem assim, e eu creio que tudo está certo.

POETA – Quero as sua amizade por muito, tempo. (Atingindo o fundo do seu olhar translúcido).
(Nesse momento o mendigo, cruza as pernas, deixa cair as mãos sobre o colo, numa postura de extrema humildade e recolhimento. Fita-a em silêncio, e continua como quem antecipa o fim da cena por tê-la visto antes).

MENDIGO – Logo nos separaremos. Eu, para morrer, você, para viver. Qual de nós vai ter melhor sorte ninguém sabe, a não ser a divindade.

(Com tais palavras, levanta-se calmamente, afaga os cabelos dela, e põem-se a caminhar em direção aos portões laterais. Ela quer correr atrás dele, mas o mesmo guindaste a contém sob forte choro velado, interno).

POETA (Voz baixa e um vácuo dentro dela, um pressentimento ronda o seu ser. Não quer pensar)
- Melhor não pensar. Amanhã voltarei para vê-lo. Voltarei aqui todos dias... Ah! Se voltarei...

PLANO DA REALIDADE

A Poeta escrevendo.

- Havia um vácuo dentro de mim. Um pressentimento rondou novamente meu ser..... (Para de escrever, voz baixa) - Melhor não pensar.

(para si) – voltarei para vê-lo. Voltarei todos os dias...Ah! se voltarei.....

(Escurece. Luz. Poeta escreve compulsivamente.)

- Mas a chuva forte caiu a semana toda, trazendo uma frente fria vinda do sul. Estranha chuva de inverno brasileiro, como estranho era aquele ser.

- Eu me alimento de suas palavras. Voltou a falar comigo em sonhos repletos de símbolos incompreensíveis para essa fase de minha vida.

- (Escurece. Luz.)

POETA NA BIBLIOTECA

No dia seguinte, movida pela mesma força, um desejo estranho de vasculhar relíquias na biblioteca, instigada por algo incontrolável. Folheia dezenas de livros sem deter-se em nenhum deles. De repente, seus olhos fixam-se numa capa: é o rosto do filósofo grego. Devora-o, como um faminto após dias de inanição, e fascinada fica com o relato do autor:

“Saboreou voluptuosamente a sua solidão. Ninguém o espreitava, quando ele despia a túnica - não usava camisa - para executar nu e descalço, como um urso, estranhos passos de dança...”

Devora o texto como o esfomeado devora o prato de alimento após dias de inanição.

- Como aquele homem tivera acesso essa obra rara, memorizando com extrema precisão o pensamento do filósofo, e o texto do autor, tradução antiga ?

(delirando) – O mestre de Atenas estaria assim tão vivo, depois de dois milênios e meio ?
(Reverbera na poeta as páginas do biógrafo) -

... “ Os meus olhos são belos que os teus, porque são mais úteis. Tu podes olhar só para frente; eu tenho a vista do caranguejo, envesgo-a em todas as direções. As minhas narinas largas recebem aromas de todos os pontos. Demais, o meu nariz chato não estorva a visão, como estorva decerto esse teu nariz fino, de nobre perfil. A minha boca larga pode acolher grandes bocados melhor do que a tua. E os meus lábios, talvez saibam dar beijos mais brandos.”

(Sai correndo da biblioteca, avançando sinais amarelos e vermelhos, num ímpeto desordenado. Corre para o parque. O seu banco está lá solitário)

(Escurece)

Poeta escreve compulsivamente.

-No dia seguinte, movida pela mesma força, um desejo estranho de vasculhar relíquias na biblioteca, instigada por algo incontrolável. Folheei dezenas de livros sem deter-me em nenhum deles. De repente, meus olhos fixaram-se numa capa: era o rosto do filósofo grego. Devorei-o, como um faminto após dias de inanição. Devorei o texto como o esfomeado devora o prato de alimento após dias de inanição.

- Abraçaria aquele homem, beijaria as suas mãos, zelaria por sua velhice, agradeceria tamanho saber disfarçado na humildade de um pária.

- Escreveria a sua vida, me agarraria a ele feito mariposa atraída pela lua do antigo lustre!

- Pensei no adiantado da hora, e dirigi-me ao vigia, inutilmente.

- Corri para a tal casa abandonada, importunei os vizinhos ao lado, e ninguém viu semelhante criatura. E a minha busca demandou semanas...

- Meses passados, retornei ao parque, e às ruas da redondeza, sem encontrar um só vestígio daquele ser.....(lembra de algo,)

-..... e no casarão. (levanta-se e caminha como quem chama por alguém)

(Sem transição sai do plano da máquina de escrever, no casarão.)

-maltrapilho, cabelos emaranhados, caminhar elegante,

(Imita a vizinha) - Você está enganada. Nenhum mendigo jamais morou aqui. Confundi o local, certamente.(disse-lhe a senhora, tentando encurtar a conversa.)

(Insistindo) - Mas, minha senhora, eu mesma vi um homem, de estatura média, rosto afilado, sair de sua casa, entregar ao mendigo duas vasilhas de alimento.

(vizinha) - Você está equivocada. Não temos na família nenhum elemento com tais traços, e apenas gatos vivem aí na casa ao lado.

(Sai correndo e volta ao parque naquele dia sob o efeito de uma saudade enlouquecida.)

Foco 1: Poeta em pé: Com letargia no olhar, tremor nas mãos, ar psicopata, aguarda a entrada do mendigo por entre os portões...

Foco 2: Poeta na máquina escreve movida por uma compulsão forte e incontrolável.

(Gravação) - " Logo nos separaremos. Eu, para morrer, você, para viver. Qual de nós vai ter melhor sorte ninguém sabe, a não ser a divindade."

Luz vai caindo lentamente até B. O., ...mas a poeta com o mesmo vácuo interior, olhar letárgico, tremor nas mãos, ar psicopata.....

F I M